



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.40.110.A014>

O abandono da psicoterapia individual: revisão sistemática da literatura

The abandonment of individual psychotherapy: systematic literature review

Maria Lúcia Mantovanelli Ortolan
Universidade Estadual de Londrina
<https://orcid.org/0000-0002-9489-5823>
maria.lucia.ortolan@uel.br

Maíra Bonafé Sei
Universidade Estadual de Londrina
<http://orcid.org/0000-0003-0693-5029>
mairabonafe@gmail.com

Resumo

O abandono da psicoterapia individual é um fenômeno recorrente nos serviços de saúde mental. Objetivou-se, assim, por meio de uma revisão sistemática da literatura verificar as variáveis relacionadas com o abandono da psicoterapia individual de adultos. As bases de dados utilizadas para a busca foram PePSIC, SciELO, LILACS e Redalyc. A pesquisa datou-se de fevereiro de 2020, sem recorte temporal. Ao todo foram encontrados 1.857 estudos, dos quais sete foram selecionados para análise, estabelecendo-se as seguintes categorias de variáveis: a) Expectativas do paciente, b) Objetivos do paciente com a psicoterapia, c) Disponibilidade subjetiva do paciente para a psicoterapia, d) Relação do paciente com o terapeuta, e) Técnicas e hipóteses terapêuticas, f) Diagnósticos específicos, g) Variáveis ambientais. Os estudos apontam que as variáveis relacionadas ao paciente, tais como suas expectativas, objetivos e disponibilidade subjetiva para o tratamento têm frequência de relação com o fenômeno do abandono da psicoterapia.

Palavras-chave: psicoterapia, abandono, desistência, revisão sistemática.

Abstract

The abandonment of individual psychotherapy is a recurring phenomenon in mental health services. Thus, the objective was, through a systematic review of the literature, to verify the variables related to the abandonment of individual adult psychotherapy. The databases used for the survey were PePSIC, SciELO, LILACS and Redalyc. The survey was dated February 2020, with no time frame. In all, 1,857 studies were found, of which seven were selected for analysis, establishing the following categories of variables: a) Patient's expectations, b) Patient's goals with psychotherapy, c) Patient's subjective availability for psychotherapy, d) Patient's relationship with the therapist, e) Therapeutic techniques and hypotheses, f) Specific diagnoses, g) Environmental variables. Studies indicate that the variables related to the patient, such as their expectations, objectives and subjective availability for treatment are often related to abandonment of psychotherapy.

Keywords: psychotherapy, abandonment, withdrawal, systematic review.

Resumen

El abandono de la psicoterapia individual es un fenómeno recurrente en los servicios de salud mental. Por lo tanto, el objetivo fue, a través de una revisión sistemática de la literatura, verificar las variables relacionadas con el abandono de la psicoterapia individual para adultos. Las bases de datos utilizadas para la búsqueda fueron PePSIC, SciELO, LILACS y Redalyc. La encuesta estaba fechada en febrero de 2020, sin marco de tiempo. En total, se encontraron 1.857 estudios, de los cuales siete fueron seleccionados para el análisis, estableciendo las siguientes categorías de variables: a) Expectativas del paciente, b) Objetivos del paciente con psicoterapia, c) Disponibilidad subjetiva del paciente para psicoterapia, d) Relación del paciente con el terapeuta, e) Técnicas e hipótesis terapéuticas, f) Diagnósticos específicos, g) Variables ambientales. Los estudios muestran que las variables relacionadas con el paciente, como las expectativas, los objetivos y la disponibilidad subjetiva para el tratamiento, a menudo están relacionadas con el abandono de la psicoterapia.

Palabras clave: psicoterapia, abandono, retirada, revisión sistemática.

Introdução

A problemática do abandono da psicoterapia individual vem avançando nos serviços que fazem esta oferta. Estima-se que, de cada cinco pacientes que iniciam tratamento psicoterápico, um interrompe antes de seu término (Swift & Greenberg, 2012). Em contexto brasileiro, os índices de interrupção da psicoterapia variam entre 38,21% e 49,5% (Jung, Serralta, Nunes, & Eizirik, 2014).

Devido a gama de modalidades de tratamento e referenciais teóricos, há uma grande dificuldade sobre a conceituação de abandono/desistência da psicoterapia (Gastaud & Nunes, 2010). Para fins de alinhamento conceitual, escolhe-se nesta pesquisa utilizar a conceituação de abandono da psicoterapia sistematizada por Cunha e Benetti (2013). Os autores consideram abandono quando o paciente, por decisão unilateral, com ou sem o conhecimento prévio do terapeuta, tendo comparecido a pelo menos uma sessão de terapia, cessa de fazê-lo, independente do motivo que o levou a isso.

Estudos científicos que tenham o abandono psicoterápico como objeto são necessários, tendo em vista que há poucas pesquisas recentes sobre o abandono terapêutico (Cunha & Benetti, 2013). Pesquisas de cunho investigativo e exploratório, que se interessem pelo caráter multifatorial da desistência de pacientes ao longo de seus processos psicoterapêuticos, apresentam-se potentes para a elaboração de intervenções que abarquem esta problemática, contribuindo para o desenvolvimento, qualidade e satisfação no âmbito das psicoterapias ofertadas.

Os estudos já existentes a respeito do abandono terapêutico elencaram algumas variáveis que podem estar associadas à desistência, como por exemplo questões financeiras (Pessota, Feijo, & Benetti, 2020), nível de escolaridade (Swift & Greenberg, 2012), incompatibilidade de horários entre paciente e terapeuta (Bacelar, Figueredo-Campos, Lopes, & Paula, 2020), o nível da motivação para tratamento (Taylor, Abramowitz, & McKay, 2012), expectativas de resultados (Farias, Alves, Vieira, 2020), resistência no tratamento (Taylor, Abramowitz, & McKay, 2012), capacidade de *insight* (Westmacott, Hunsley, Best, Rumstein-McKean, & Schindler, 2010) e dificuldades na aliança terapêutica (Dotta, Feijó, & Serralta, 2020). Todavia, Vargas e Nunes (2003)

ressaltam que a grande maioria dos pacientes que abandonam o processo terapêutico não apresentam razões ao terapeuta para tal fato.

Objetivos

Neste sentido, objetivou-se realizar uma revisão sistemática da literatura sobre o abandono da psicoterapia, a fim de verificar as variáveis relacionadas ao fenômeno. Entende-se que o abandono da psicoterapia, em conjunto com as longas filas de espera para atendimento psicológico, se apresentam como fenômenos recorrentes nas instituições públicas que ofertam psicoterapia, principalmente nos serviços escolas de psicologia das universidades.

Método

A revisão de literatura é uma metodologia de pesquisa que objetiva organizar, integrar e avaliar de maneira crítica a literatura científica produzida sobre o tema de pesquisa (Hohendorff, 2014). Conduziu-se a revisão a partir das recomendações do PRISMA (Moher, Liberati, Tetzlaff, & Altman, 2009; Carvalho, Pianowski, & Santos, 2019), procedimento este que engloba a busca sistemática dos artigos, a análise dos títulos e dos resumos, considerando os critérios de inclusão e exclusão para selecioná-los, e, por fim, a leitura na íntegra, também sistemática, e categorização dos artigos selecionados. A revisão ocorreu em fevereiro de 2020, não se adotando um recorte temporal, de forma a se considerar artigos publicados em qualquer ano.

Para identificar, localizar e obter as publicações sobre o tema, foram consultadas as bases de dados PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), SciELO (*Electronic Library Online*), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Redalyc. Na consulta foram utilizados como termos de busca apenas palavras em português: desistência e psicoterapia; abandono e psicoterapia, aplicando-se o operador booleano AND.

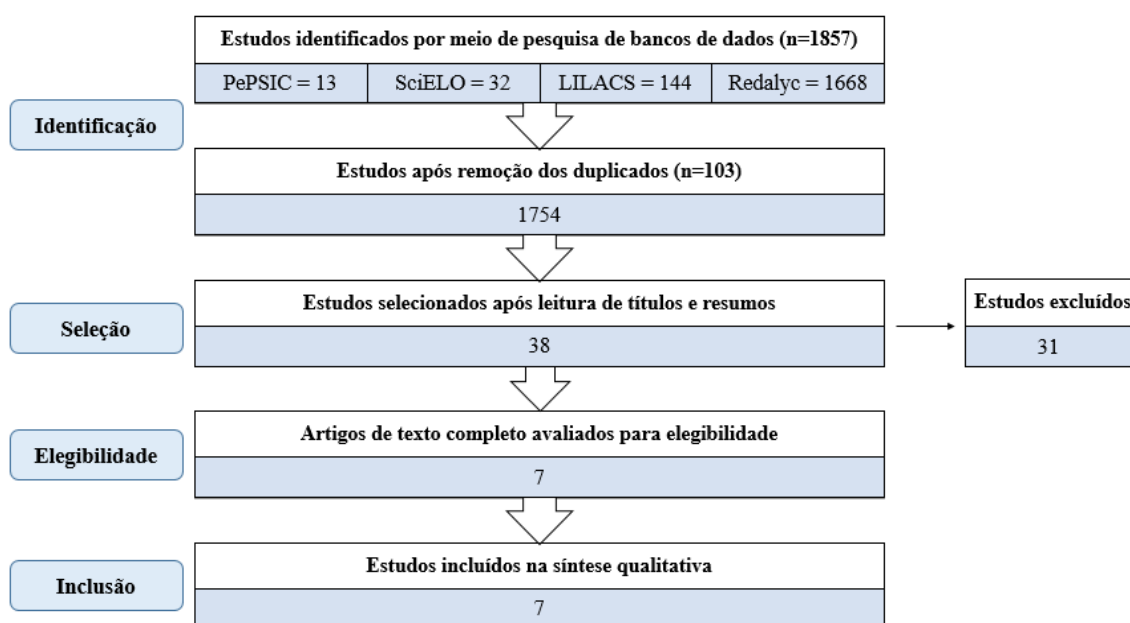
O refinamento dos resultados encontrados foi feito por meio do *Mendeley Desktop* (Carvalho, Pianowski, & Santos, 2019), *software* de gestão de referências bibliográficas.

Teve-se como critérios de inclusão: (a) artigos nos quais, pela leitura do título e do resumo, identificou-se o abandono da psicoterapia como foco do estudo, (b) artigos que tivessem disponibilidade de acesso na íntegra nas bases de dados. Já os critérios de exclusão foram: (a) estudos que não fossem no formato de artigo científico, tais como, editoriais, resenhas, monografias, dissertações e teses, (b) artigos nos quais o abandono da psicoterapia era foco do estudo, todavia não se tratava de psicoterapia individual de adultos, como por exemplo, artigos referentes à psicoterapia de casal e família, crianças, adolescentes e grupos, (c) artigos de revisão da literatura e (d) artigos que fossem escritos em línguas que não o português, o espanhol e o inglês.

Resultados

A busca realizada gerou a identificação de um total de 1.857 estudos. Destes, para os descritores Abandono e Psicoterapia, 10 estudos foram encontrados no PePSIC, 27 no SciELO, 114 no LILACS e 1.589 no Redalyc. Para os descritores Desistência e Psicoterapia, foram encontrados estudos no PePSIC (3), SciELO (5), LILACS (30) e Redalyc (79). O processo de identificação, seleção, análise de elegibilidade a partir dos critérios estabelecidos e inclusão dos artigos selecionadas para a pesquisa está resumido no fluxograma da Figura 1.

Figura 1. Fluxograma com base nas recomendações do modelo PRISMA.



Ainda na fase de identificação dos estudos, com o montante de 1.857 estudos, foram removidos 103 estudos por estarem duplicados, totalizando 1.754 estudos. Na fase de seleção, dotando-se dos critérios de inclusão, 38 artigos foram selecionados. Após a aplicação dos critérios de exclusão, 31 foram excluídos, totalizando sete artigos, os quais foram avaliados pelos critérios de elegibilidade, sem nenhuma exclusão, compondo, assim, sete para a síntese qualitativa.

Os artigos selecionados para análise estão apresentados na Tabela 1, contendo o título do artigo, a revista e data de publicação e o local de realização do estudo.

Tabela 1. Caracterização dos artigos sobre abandono da psicoterapia recuperados das bases de dados

| Título | Revista | Ano de Publicação | Local do estudo |
|---|---|--------------------------|------------------------|
| Rupturas en la alianza terapéutica y su asociación con cambio y abandonos tempranos en psicoterapia. | Revista de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades | 2018 | Não mencionado |
| Estudio epidemiológico de salud mental em población clínica de um centro de atención psicológica. | Psychologia: avances de la disciplina | 2017 | Bogotá-CO |
| Desistência e Conclusão em Psicoterapia Psicanalítica, um estudo qualitativo de pacientes de Porto Alegre, Brasil. | Revista Brasileira de Psicoterapia | 2015 | Porto Alegre-RS |
| Abandono terapêutico na terapia cognitivo-comportamental. | Psicologia Argumento | 2013 | Porto Alegre-RS |
| Factores que influyen en la deserción terapéutica de los consultantes de un centro universitario de atención psicológica. | International Journal of Psychological Research | 2009 | Tunja-CO |
| Expectativas, percepção del paciente hacia su Terapeuta y razones para asistir a dos o mas sesiones. | Revista de Salud Mental | 2007 | Não mencionado |
| El abandono en las terapias psicológicas. | Aposta: Revista de Ciencias Sociales | 2005 | Não mencionado |

Em ordem decrescente de data de publicação, seguem-se os sete artigos inseridos, apresentando seus objetivos, o delineamento de pesquisa, a amostra de cada estudo e os principais resultados encontrados. Neste sentido, o estudo de Manubens, Roussos, Ryberg e Penedo (2018) objetivou estudar os processos de ruptura da aliança terapêutica e sua relação com as mudanças no processo psicoterápico e o abandono precoce da psicoterapia. Para isto, utilizaram um delineamento naturalístico, com uma amostra de 15

participantes, entre 18 e 65 anos, nos quais cinco abandonaram a psicoterapia, cinco estavam em psicoterapia e apresentavam melhoras e cinco estavam em psicoterapia, mas não apresentavam melhoras. Os autores entenderam que não há uma correlação significativa entre as rupturas da aliança terapêutica e o abandono da psicoterapia, todavia alertam para as limitações do estudo (amostra pequena, peculiaridade do contexto analisado, dentre outros), recomendando outras pesquisas para corroborar o dado.

A despeito de Manubens et al. (2018) não terem encontrado a correlação entre ruptura da aliança terapêutica e abandono da psicoterapia, os autores, a partir dos dados, conseguiram encontrar algumas evidências a respeito do abandono da psicoterapia, indicando ser possível que os pacientes desistentes tenham assim feito por uma falta de conexão ao modelo de avaliação estruturado da primeira sessão. Ou seja, esses pacientes chegam à psicoterapia buscando outro tipo de atitude do terapeuta, principalmente na primeira sessão, não tão centrada em coletar informação, mas em escutar e se empatizar com o paciente. A partir do momento que isto não ocorre, houve o abandono unilateral.

Já o estudo de Posada, Porras, Cano e Mateus (2017) teve como objetivo descrever as variáveis sociodemográficas e de tratamento, as principais categorias diagnósticas e prevalência de transtornos mentais na população atendida por um centro de psicologia em Bogotá-CO. Adotaram um delineamento descritivo transversal com a análise de 1.699 prontuários, sendo que 23% destes eram de pacientes que abandonaram a psicoterapia. Os resultados encontrados foram: são realizados mais atendimentos infantis, com queixas relacionadas à educação e conduta. Já na população adulta, a prevalência de queixas refere-se a problemas familiares e ansiedade. Em relação às variáveis do processo terapêutico, foram analisados os casos de abandono da psicoterapia e identificaram os seguintes aspectos relacionados ao fenômeno: falta de recursos econômicos, falta de motivação para o tratamento, uma rede de apoio ineficaz e melhora durante o tratamento, no qual os pacientes ou identificaram mudanças iniciais e por isto abandonam, pois sentiam que já havia alcançado o objetivo, ou não identificaram mudanças imediatas, fazendo com que os pacientes se sentissem desmotivados e abandonassem o tratamento.

Na pesquisa de Jung, Serralta, Nunes e Eizirik (2015), o delineamento escolhido foi o naturalístico com metodologia qualitativa exploratória, compondo a amostra com 10 mulheres adultas, nas quais cinco abandonaram a psicoterapia e cinco já haviam

concluído seus processos psicoterápicos. Objetivaram entender os fatores associados com o término unilateral (abandono) e a conclusão da psicoterapia em uma clínica comunitária ligada a um curso de pós-graduação em psicoterapia psicanalítica em Porto Alegre-RS. Os autores concluíram que a natureza dos objetivos e expectativas com a psicoterapia (mais amplo vs. focal), menor resistência à mudança, satisfação com tratamentos anteriores, níveis mais elevados de *insight* e preponderância de transferência positiva sobre a negativa são fatores associados com a conclusão em psicoterapia psicanalítica. Já experiências negativas com psicoterapias prévias, resistência, baixa capacidade de *insight* e discrepâncias entre psicoterapeutas e pacientes sobre objetivos e expectativas do tratamento podem favorecer a desistência.

No caso do estudo de Pureza, Oliveira e Andretta (2013), buscou-se analisar a relação entre as variáveis sociodemográficas, clínicas e diagnósticas dos pacientes e o abandono da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) em uma clínica-escola de Porto Alegre-RS, com a escolha do levantamento retrospectivo e quantitativo como delineamento e uma amostra de 63 participantes, de 12 a 70 anos, dos quais 29 haviam abandonado a psicoterapia e 34 ainda estavam no curso do processo psicoterápico. Os autores concluíram que idade, renda média, presença de diagnóstico primário e secundário, uso de medicação primária e secundária e tratamentos psicológicos anteriores não foram variáveis que apresentaram significância estatística com o abandono da psicoterapia.

Já em relação às características do atendimento clínico, Pureza, Oliveira e Andretta (2013) identificaram que houve diferenças significativas entre pacientes desistentes e concluintes da psicoterapia: os pacientes que permaneceram em tratamento apresentaram um número significativamente maior de sessões (média de 19 sessões) do que os que abandonaram o tratamento (média de 8,79 sessões), mas não diferiram com relação ao número de faltas ou de dias na lista de espera. Os autores identificaram duas hipóteses para o abandono terapêutico dos pacientes estudados: a dificuldade no estabelecimento da relação terapêutica no início do tratamento e a realização de uma avaliação errônea ou incompleta do paciente, derivada da falta de experiência dos terapeutas que, por serem estagiários, podem ter tido dificuldades de compreender o funcionamento do paciente, mesmo sendo supervisionados.

O estudo de Benítez, Bastidas e Camargo (2009) se propôs a conhecer e analisar as características gerais associadas ao abandono da psicoterapia por pacientes em um Centro de Estudos e Atenção Psicológica, vinculado à Universidade Pedagógica e Tecnológica de Colombia (UPTC). A amostra do estudo foi composta pelos 74 pacientes ali atendidos no segundo semestre de 2008, com idade de quatro a 45 anos, sendo que dentre estes, 44% abandonaram a psicoterapia. O delineamento utilizado no estudo foi exploratório, mediante entrevista telefônica. Os autores concluíram que os motivos de consulta estão relacionados com problemas acadêmicos, seguidos por problemas de adaptação social e que 55% dos casos de abandono da psicoterapia ocorrem na fase de avaliação do paciente (nas três primeiras sessões). Na pesquisa dos autores, os pacientes apresentaram de uma a três razões para o abandono, sendo categorizadas em variáveis relacionadas com o paciente (31%), com a psicoterapia ou com o terapeuta (29%), variáveis ambientais (36%) e outros (4%).

Dentre as variáveis relacionadas ao paciente, Benítez, Bastidas e Camargo (2009) identificaram relação entre o diagnóstico inicial do paciente e o abandono da psicoterapia. Diagnósticos envolvendo consumo de substâncias psicoativas, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), traços paranoides da personalidade e agressão escolar apresentam maior propensão ao abandono do tratamento. Sobre as variáveis da psicoterapia ou com o terapeuta, os pacientes que abandonam a psicoterapia manifestam uma sensação de melhora, diminuição de sintomas e bem-estar subjetivo como consequência da terapia, fatores estes que contribuiriam para decidir pelo abandono do processo sem combiná-lo com o terapeuta. Nestes casos, os pacientes manifestam também uma diminuição da percepção de importância do processo e a capacidade de superar o problema sozinho deste ponto em diante. Com relação às variáveis ambientais que se relacionam com o abandono da psicoterapia, foram elencadas: mudança inesperada de residência do paciente, mudanças de atividade após a virada do ano (trabalho, estudo, dentre outros) e mudança de terapeuta.

Com relação à pesquisa de Olán (2007), a amostra do estudo foi composta por 39 participantes (em sua maioria mulheres, de 20 a 63 anos) que haviam feito pelo menos uma sessão de psicoterapia. Almejou-se comparar as expectativas e percepções de pacientes que compareceram a apenas uma sessão de psicoterapia e pacientes que deram

continuidade ao processo, por meio de um delineamento de pesquisa exploratório com uso de entrevistas semiestruturadas. O autor concluiu que as razões pelas quais os pacientes não davam continuidade à psicoterapia se concentraram com maior frequência em variáveis da relação paciente-terapeuta, como por exemplo não ter sido agradável a sessão e o terapeuta não ter lhe escutado.

E por fim, tem-se o artigo de Medina (2005), uma pesquisa teórica a respeito do abandono da psicoterapia, enfatizando na natureza do fenômeno, no seu uso como preditor de sucesso terapêutico e na conveniência ou não de tentar reduzir ou diminuir esse fenômeno. O autor concluiu que o processo terapêutico que segue o modelo sintomas-diagnóstico-tratamento possui uma série de características que o tornam extremamente facilitador do abandono psicoterapêutico. É interessante que o autor traz uma reflexão a respeito do emparelhamento que se faz sobre abandono terapêutico e fracasso da psicoterapia, entendendo-se que esta associação se mostra pertinente considerando as possíveis conceituações que se faz sobre abandono da psicoterapia. Neste sentido, podem existir desistências da psicoterapia que não indiquem fracassos, na medida em que o paciente pode abandonar o tratamento, pois já alcançou os objetivos terapêuticos mais importantes, indicando a interrupção da psicoterapia como um sinal de melhora (Medina, 2005).

A partir do que se encontrou nos resultados dos artigos referidos, a fim de analisá-los nesta revisão bibliográfica, condensa-se na Tabela 2 a referência dos estudos e as variáveis encontradas relacionadas ao abandono da psicoterapia em cada artigo.

Tabela 2. Caracterização das variáveis relacionadas ao abandono da psicoterapia resultantes das pesquisas recuperadas das bases de dados.

| Referência | Variáveis relacionadas ao abandono em psicoterapia |
|--|---|
| Manubens, Roussos, Ryberg, & Penedo (2018) | <ul style="list-style-type: none"> • Quebra de expectativa nas primeiras sessões: o paciente queria ser ouvido e se simpatizado com o terapeuta, mas este estava preocupado em coletar informações. |
| Posada, Porras, Cano, & Mateus (2017) | <ul style="list-style-type: none"> • Falta de recursos financeiros. • Falta de motivação. • Rede de apoio ineficaz. • O paciente identifica mudanças iniciais e por isto abandonam, pois sentem que já alcançaram o objetivo. • Não identificação de mudanças imediatas, fazendo com que os pacientes se sintam desmotivados e abandonem o tratamento. |
| Jung, Serralta, Nunes, & Eizirik (2015) | <ul style="list-style-type: none"> • Objetivos OK e expectativas OK mais focalizados. • Menor disponibilidade para mudar. • Menos <i>insight</i>. • Percepção negativa de tratamentos anteriores. • Manifestações de transferência negativa e resistência. |
| Pureza, Oliveira, & Andretta (2013) | <ul style="list-style-type: none"> • Falha na boa relação terapêutica. • Uso de hipóteses terapêuticas equivocadas. |
| Benítez, Bastidas, & Camargo (2009) | <ul style="list-style-type: none"> • Diagnósticas de consumo de substâncias psicoativas, TDAH, traços paranoides da personalidade e agressão escolar. • Diminuição da percepção da importância do tratamento. • Sensação de melhora e bem-estar subjetivo e diminuição de sintomas. • Mudanças ambientais e institucionais. |
| Olán (2007) | <ul style="list-style-type: none"> • Menores expectativas em relação ao atendimento. • Entendimento de que o terapeuta não o escutou de verdade. • Percepção de características negativas no terapeuta (impontualidade, pouco amável, autoritário e inexperiente). |
| Medina (2005) | <ul style="list-style-type: none"> • O processo terapêutico seguir o curso sintomas-diagnóstico-tratamento (modelo biologicista). |

Discussão

Percebeu-se, por meio das análises dos artigos, que o abandono da psicoterapia é um fenômeno que recebe investigações não só no Brasil e sem restrições quanto às abordagens teóricas que embasaram a psicoterapia. A fim de discutir os achados na literatura, a partir das variáveis relacionadas com o abandono da psicoterapia encontradas em cada estudo, foram categorizadas sete unidades temáticas de análise: a) Expectativas

do paciente, b) Objetivos do paciente com a psicoterapia, c) Disponibilidade subjetiva do paciente para a psicoterapia, d) Relação do paciente com o terapeuta, e) Técnicas e hipóteses terapêuticas, f) Diagnósticos específicos, g) Variáveis ambientais. A partir disto, cada uma delas será apresentada e discutida a partir dos estudos incluídos na revisão.

Expectativas do paciente com a psicoterapia

Entende-se que as expectativas do paciente em relação à psicoterapia e ao terapeuta que lhe atenderá é uma variável para o abandono da psicoterapia. Foram identificadas menções a esta variável nos estudos de Manubens, Roussos, Ryberg e Penedo (2018), Jung, Serralta, Nunes, & Eizirik (2015) e Olán (2007).

A quebra de expectativas do paciente nas primeiras sessões em relação ao terapeuta que lhe atende é uma variável para o abandono da psicoterapia (Manubens et al., 2018). Neste sentido, os pacientes esperavam que o terapeuta os ouvisse e entendesse, além de esperarem que se simpatizassem com o profissional, uma vez que isto não ocorreu na primeira sessão, os pacientes tiveram uma propensão a não dar continuidade à psicoterapia. Os pacientes desistentes, na pesquisa de Manubens et al. (2018), relataram que o terapeuta estava mais preocupado em coletar informações e não se sentiram, de fato, ouvidos.

A expectativa de se sentir ouvido pelo terapeuta também foi encontrada na pesquisa de Olán (2007). O autor considerou que uma das variáveis associadas ao abandono da psicoterapia é o fato dos pacientes não se sentirem ouvidos. Também foi concluído nesse estudo que pacientes com menores expectativas em relação à psicoterapia têm mais propensão a abandonarem-na. As expectativas com relação à psicoterapia também se configuram como variáveis de abandono apontadas por Jung, Serralta, Nunes e Eizirik (2015): pacientes com objetivos mais focalizados tendem a abandonar a psicoterapia. Os autores concluem que não só as expectativas com o tratamento atual se mostram como uma variável, mas também as experiências do paciente com tratamentos anteriores, compondo as expectativas atuais.

Objetivos do paciente com a psicoterapia

O objetivo que o paciente tem ao procurar a psicoterapia é uma variável relacionada com o abandono da psicoterapia, conforme os estudos de Posada, Porras, Cano e Mateus (2017), Jung, Serralta, Nunes e Eizirik (2015) e Benítez, Bastidas e Camargo (2009). Assim como expectativas mais específicas, o objetivo mais focalizado com a psicoterapia também predispõe o paciente a abandoná-la (Jung et al., 2015). Os pacientes que, ao longo da psicoterapia, identificam que seus objetivos estão sendo cumpridos, por meio de sinais iniciais de melhora, tendem a abandonar a psicoterapia, assim como aqueles que, não identificando estes sinais no início da psicoterapia, também a abandonam, pois se sentem desmotivados com os seus objetivos não cumpridos (Posada, Porras, Cano, & Mateus, 2017).

Os sinais iniciais de melhora, caracterizado na pesquisa de Benítez, Bastidas e Camargo (2009) como sensação de bem-estar subjetivo e diminuição de sintomas, além de serem interpretados pelos pacientes como objetivo alcançado e, por isto, então, abandonarem a psicoterapia, também contribuem para que, segundo os autores, haja uma diminuição da percepção do paciente a respeito da importância da psicoterapia, acarretando no abandono da mesma.

Disponibilidade subjetiva do paciente para a psicoterapia

Os artigos (Posada, Porras, Cano, & Mateus, 2017; Jung, Serralta, Nunes, & Eizirik, 2015) indicam que pacientes com menor disponibilidade subjetiva para o processo psicoterápico podem abandonar o tratamento. A falta de motivação para o tratamento é uma destas indisponibilidades que se relaciona com o abandono da psicoterapia (Posada et al., 2017), assim como a menor disponibilidade do paciente em mudar (Jung et al., 2015).

Foram englobadas nesta categoria outros elementos encontrados por Jung et al. (2015) que se relacionam com a disposição subjetiva ou não do paciente para um processo psicoterápico e que estão ligadas ao abandono do tratamento. Por se tratar de uma pesquisa específica à psicoterapia psicanalítica, os autores elencam elementos mais comuns à psicanálise, tais como: *insight* e resistência.

Os autores observaram que pacientes desistentes da psicoterapia apresentavam menor capacidade de *insight*, conceituado pelos autores como “o reconhecimento da

existência de problemas emocionais para os quais se podem buscar soluções, o reconhecimento de que o próprio self está envolvido no problema e a habilidade de estabelecer relações entre eventos presentes e passados” (Jung et al., 2015, p. 32). Os autores no artigo não conceituaram o termo resistência, mas ponderaram que “a resistência faz parte de todo o processo da psicoterapia e a ‘acompanha passo a passo’. No entanto, os pacientes podem ser mais ou menos resistentes ao processo da psicoterapia” (Jung et al., 2015, p. 35) e explicaram o termo com as falas dos participantes, como por exemplo: “‘Bem, na verdade, eu não queria vir. Eu estava muito relutante... mas vim. Ontem eu cheguei a pensar em ligar para desmarcar, mas não deu, eu tinha que vir’ (D1)” (Jung et al., 2015, p. 32-33).

Relação do paciente com o terapeuta

Uma falha na boa relação do paciente com o terapeuta é uma variável relacionada com o abandono da psicoterapia (Jung, Serralta, Nunes, & Eizirik, 2015; Pureza, Oliveira, & Andretta, 2013; Olán, 2007). A fim de explicar a diferença significativa entre o número de sessões entre os pacientes que permaneceram em tratamento e os que o abandonaram, Pureza et al. (2013), corroborados por outras literaturas apresentadas por eles, entendem que a maioria dos pacientes que abandona a TCC faz isto nas primeiras sessões devido ao não estabelecimento de uma boa relação terapêutica.

A relação com o terapeuta pode ser afetada pela percepção do paciente quanto a características negativas no profissional, tais como a impontualidade, pouca amabilidade, autoritarismo e inexperiência, elementos relatados pelos participantes da pesquisa de Olán (2007), predispondo que o paciente abandone a psicoterapia. Outro elemento que interfere na relação do paciente com o terapeuta, podendo acarretar no abandono da psicoterapia são as transferências negativas precoces (Jung et al., 2015). Também um termo da psicanálise, o qual o autor não o conceitua no artigo, mas exemplifica com fala dos participantes, tais como: “‘Será que você vai conseguir me entender?’ (C8)” (p. 34).

Técnicas e hipóteses terapêuticas

As técnicas de trabalho e as hipóteses terapêuticas e diagnósticas empregadas pelo profissional são uma variável para o abandono da psicoterapia, como apresentam Pureza,

Oliveira e Andretta (2013) e Medina (2005). As respostas pobres ou tardias no tratamento da TCC, além do abandono propriamente dito podem indicar que o terapeuta está trabalhando com hipóteses equivocadas, erro este que provavelmente diz sobre uma falha no processo de avaliação do paciente pelo terapeuta (Pureza et al., 2013).

O emprego de determinadas técnicas, hipóteses terapêuticas e diagnósticas e estilos de trabalho influenciam no fenômeno do abandono da psicoterapia, na medida em que isto baliza a posição do paciente frente ao seu tratamento. Isto é observado por Medina (2005) em relação às terapêuticas que seguem um modelo biologicista, ou seja, um curso de trabalho sintomas-diagnóstico-tratamento, no qual é atribuído um papel passivo do paciente em sua própria cura.

Diagnósticos específicos

Apenas uma pesquisa (Benítez, Bastidas, & Camargo, 2009) encontrou relação entre diagnósticos específicos e o abandono da psicoterapia. O estudo atribuiu quatro categorias de variáveis a respeito do abandono da psicoterapia, uma delas é em relação ao paciente, a segunda com maior frequência (31%). Dentre estas variáveis, encontrou-se relação entre o abandono terapêutico e o diagnóstico ou motivo de consulta em 23% dos casos. O estudo concluiu que há relação entre pacientes com diagnósticos como consumo de substâncias psicoativas, TDAH, traços paranoides da personalidade e agressão escolar e seus abandonos da psicoterapia.

Variáveis ambientais

Há relação entre o abandono da psicoterapia com outros fatores que não aqueles diretamente relacionados ao processo psicoterápico e algum dos componentes da díade paciente-terapeuta. A categoria “variáveis ambientais” engloba estes elementos, encontrados nas pesquisas de Posada, Porras, Cano e Mateus (2017) e Benítez, Bastidas e Camargo (2009).

Ao analisar as variáveis contextuais para o abandono da psicoterapia, os pacientes desistentes relataram: percepções de ineficácia nos processos da instituição que ofertava o atendimento psicológico, inconvenientes de trabalho ou estudo que impossibilitaram a continuidade do tratamento e inconvenientes econômicos (Benítez, Bastidas, & Camargo,

2009). A falta de recursos financeiros também foi uma variável ambiental encontrada na pesquisa de Posada et al. (2017), juntamente com uma rede de apoio ao paciente ineficaz, ambas com relação ao abandono destes pacientes da psicoterapia.

Considerações finais

A análise das produções por meio das categorias delineadas demonstrou que há um interesse da Psicologia pela temática, não só no Brasil, sobretudo nos últimos 10 anos. Todavia, se apresenta como um interesse ainda tímido frente à dimensão do fenômeno do abandono da psicoterapia. A partir da revisão aqui feita evidenciou-se que as variáveis relacionadas ao paciente, tais como suas expectativas em relação a psicoterapia, seus objetivos ao procurar o atendimento, e sua disponibilidade subjetiva para um processo de mudança são variáveis com forte impacto no abandono da psicoterapia. Estudos que se focuem nestas respectivas variáveis são importantes para o aprimoramento da oferta de psicoterapia individual nos serviços que a isto se prestem, avaliando a qualidade, a efetividade e o acesso às psicoterapias.

No que se refere às limitações deste estudo, aponta-se para o uso de descritores apenas no português, número limitado de bases de dados, a restrição de idioma e do formato em artigo. Espera-se que essa revisão sistemática da literatura possa estimular outros pesquisadores da Psicologia a investigarem um fenômeno tão recorrente que é o do abandono da psicoterapia individual.

Por fim, recomenda-se a produção de novos estudos sobre o abandono da psicoterapia individual e os fatores associados a ele, tendo em vista que este é um fenômeno multifatorial. Indica-se, o empreendimento de pesquisas científicas a respeito das expectativas, objetivos e disponibilidade subjetiva dos pacientes que ingressam em psicoterapia individual, bem como sobre a relação terapêutica, o emprego de técnicas e modelos psicoterápicos e a psicoterapia para diagnósticos específicos.

Referências

Bacelar, T. D., Figueredo-Campos, J. G., Lopes, F. C., & de Paula, J. J. (2020). Satisfação

- e qualidade de vida em psicoterapia: um estudo piloto em clínica-escola. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 9(3), 327-338. Recuperado de: <https://200.128.7.132/index.php/psicologia/article/view/3217>
- Benetti, S. P. C., & Cunha, T. R. S.. (2008). Abandono de tratamento psicoterápico: implicações para a prática clínica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(2), 48-59. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v60n2/v60n2a07.pdf>
- Benítez, A. P. R., Bastidas, I. L. O., & Camargo, Y. S.. (2009). Factores que influyen en la deserción terapêutica de los consultantes de un centro universitario de atención psicológica. *International Journal of Psychological Research*, 2(2), 137-147. Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5134715>
- Carvalho, L. F., Pianowski, G., & Santos, M. A. (2019). Guidelines for conducting and publishing systematic reviews in Psychology. *Estudos de Psicologia*, 02(36), 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e180144>
- Cunha, T. R. dos S., & Benetti, S. P. da C.. (2013). Abandono de atendimento psicológico por crianças em uma clínica-escola. *Psicologia Argumento*, 31(73), 271-281. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20443>
- Dotta, P., Feijó, L. P., & Serralta, F. B. (2020). Rupturas de la Alianza Terapéutica: un estudio de caso interrumpido en psicoterapia psicoanalítica con un paciente limítrofe. *Ciencias Psicológicas*, 14(2), 1-15. <https://doi.org/10.22235/cp.v14i2.2321>
- Farias, I. C., Alves, S. V., & Vieira, C. A. L. (2020). O que (não) dizem as entrelinhas: Análise dos casos de abandono de uma clínica-escola em psicologia. *Interação em Psicologia*, 24(3), 230-8. <http://dx.doi.org/10.5380/riep.v24i3.68058>
- Gastaud, M. B., & Nunes, M. L. T. (2010). Abandono de tratamento na psicoterapia psicanalítica: em busca de definição. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(3), 247-254. <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852010000300012>.
- Hohendorff, J. V. (2014). Como escrever um artigo de revisão de literatura. In S. H. Koller, Couto, M. C. P. P., & J. V. Hohendorff (Orgs), *Manual de produção científica* (pp. 39-54). Porto Alegre: Penso. Recuperado de: https://www.biosanas.com.br/uploads/outros/artigos_cientificos/18/6505082c2ac23986651c7b1f7a4a92e.pdf
- Jung, S. I., Serralta, F. B., Nunes, M. L. T., & Eizirik, C. L.. (2014). Momentos distintos no abandono da psicoterapia psicanalítica. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 63(2), 133-41. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000017>
- Jung, S. I., Serralta, F. B., Nunes, M. L. T., & Eizirik, C. L.. (2015). Desistência e

- conclusão em psicoterapia psicanalítica, um estudo qualitativo de pacientes de Porto Alegre, Brasil. *RBPsicoterapia*, 17(1), 25-40. Recuperado de: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/201831>
- Manubens, R. T., Roussos, A., Ryberg, J. O., & Penedo, J. M. G.. (2018). Rupturas en la alianza terapêutica y su asociación con cambio y abandonos tempranos en psicoterapia. *Revista de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades*, 5(2), 143-158. <http://dx.doi.org/10.30545/academo.2018.jul-dic.7>
- Medina, M. P.. (2005). El abandono en las terapias psicológicas. *Aposta: Revista de Ciencias Sociales*, (14), 1-16. Recuperado de: <http://apostadigital.com/revistav3/hemeroteca/porcel.pdf>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). Prisma Group. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *Plos Medicina*, 6(7), 335-342. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>
- Olán, R. J. A.. (2017). Expectativas, percepción del paciente hacia su terapeuta y razones para asistir a dos o mas sesiones. *Salud Mental*, 30(5), 55-62. Recuperado de: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S018533252007000500055&lng=es&nrm=iso&tlng=es
- Pessota, C. M., Feijo, L. P., & Benetti, S. P. D. C. (2020). Preditores do abandono inicial em psicoterapia psicodinâmica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(2), 43-56. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672020000200004
- Posada, D. O., Porras, J. R., Cano, A. T., & Mateus, M. P.. (2017). Estudio epidemiológico de salud mental en población clínica de un centro de atención psicológica. *Psychologia: avances de la disciplina*, 11(1), 85-96. Recuperado de: <http://www.scielo.org.co/pdf/psych/v11n1/1900-2386-psych-11-01-00085.pdf>
- Pureza, J. da R., Oliveira, M. da S., & Andretta, I.. (2013). Abandono terapêutico na terapia cognitivo-comportamental. *Psicologia Argumento*, 13(74), 561-568. <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.31.074.AO10>
- Swift, J. K., & Greenberg, R. G.. (2012). Premature discontinuation in adult psychotherapy: a meta-analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 80(4), 547-59. <https://doi.org/10.1037/a0028226>
- Taylor, S., Abramowitz, J. S., McKay, D.. (2012). Non-adherence and non-response in the treatment of anxiety disorders. *Journal of Anxiety Disorders*, 26(5), 583-9.

<https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2012.02.010>

Vargas, F., & Nunes, M. L. T. (2003). Razões expressas para o abandono de tratamento psicoterápico. *Aletheia*, (17), 155-158. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115013455015.pdf>

Westmacott, R., Hunsley, J., Best, M., Rumstein-McKean, O., Schindler, D.. (2010). Client and therapist views of contextual factors related to termination from psychotherapy: a comparison between unilateral and mutual terminators. *Psychother Research*, 20(4), 423-35. <https://doi.org/10.1080/10503301003645796>